DA GRAMÁTICA FUNCIONAL À ANÁLISE DO DISCURSO: ANÁLISE DA LETRA DO FUNK A FAVELA VENCEU DE MC CABELINHO

III Encontro Nacional de Letras no Litoral Norte da Paraíba - ELLIN-PB, 3ª edição, de 08/05/2024 a 10/05/2024
ISBN dos Anais: 978-65-5465-093-9

SILVA; Maria das Graças Bezerra da [1], NETO; Raul Dantas da Silva [2], SILVA; Silvio Luis da [3]

RESUMO

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA – UFPB

CENTRO DE CIÊNCIAS APLICADAS E EDUCAÇÃO – CCAE

PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS – PROFLETRAS

CAMPUS IV – MAMANGUAPE – PB – Turma 9

Práticas de análise linguística e Ensino de aspectos gramaticais

Mestrandos:

Maria das Graças Bezerra da Silva

gracabzrra@gmail.com

Raul Dantas da Silva Neto

profrauldantas27@gmail.com

Orientador:

Prof. Dr. Silvio Luis da Silva DL/CCAE-UFPB

silvio@ccae.ufpb.br

29/02/2024

Da Gramática Funcional à Análise do Discurso: análise da letra do funk

A FAVELA VENCEU de MC Cabelinho

INTRODUÇÃO

O funk é um gênero musical bastante difundido atualmente e é usado, entre outros motivos, para protestos e manifestações de indignação das situações vividas e presenciadas no cotidiano das comunidades (ou favelas) e, consequentemente, expressar visões de mundo e ideologias. Diante disso, este trabalho propõe analisar o funcionamento da materialidade linguística e da organização gramático-semântica dos elementos nas sentenças para de identificar as articulações textuais-discursivas que contribuem para a representação material de ideologias.

O objetivo geral é depreender, apresentar um a análise da materialidade linguística e organização gramatical dos elementos as manifestações contra o *status quo*, nos valemos do funk "A favela venceu", de Mc Cabelinho, para apresentar uma perspectiva da materialização de ideologias na estrutura organizacional e na ordenação de elementos nas sentenças e o reflexo destas no discurso.

Adotamos como corpus da pesquisa especificamente esse funk, porque se mostra um discurso

[1] UFPB, gracabzrra@gmail.com
[2] UFPB, profrauldantas27@gmail.com
[3] UFPB, silvio@ccae.ufpb.br

de resistência e representa o movimento de um grande número de brasileiros que vive nas camadas menos favorecidas da sociedade. Seremos subsidiados, para a análise da organicidade textual em nível gramático-semântico, pelos estudos de Negrão; Scher: Viotti (2002), Perini (2005), Coseriu (1981), e, para a conexão das estruturas textuais com os aspectos ideológicos e contextuais de autores como Benveniste (2005), Fiorin (1996), Foucault (1987), van Dijk (2012), Fairclough (2001) e Chouliaraki; Faiclough (1999).

Nossa perspectiva metodológica é a qualiquantitativa a partir do conceito de Gil (2006). Esperamos apresentar uma discussão que permita compreender como as relações da estrutura textual expressam não apenas a significados e sentidos, mas também organicidades e representação ideológicas, como também a aplicação de questionário a fim de observar e comparar informações e percepções acerca desta temática.

1. MÚSICA E IDENTIDADE CULTURAL

1. 1 A MÚSICA NA FORMAÇÃO IDENTIDADE CULTURAL BRASILEIRA

A música é uma das formas de manifestação cultural mais antigas. Ela sempre está presente em nossas vidas, a partir do nascimento, com as canções de ninar, e nos acompanha ao longo de nossa existência. Segundo Adorno (1980, p. 65), "[...] a música constitui, ao mesmo tempo, a manifestação imediata do instinto humano e a instância própria para seu apaziguamento."

A influência da música na identidade cultural do brasileiro remonta a nossa própria formação enquanto povo, dada pela miscigenação do europeu, do africano e do índio brasileiro. Essa miscigenação é observada em outros aspectos culturais, mas é na música que esta heterogeneidade se faz mais presente nos dando uma identidade.

Foi a partir dos anos 1960, que a música passou a mais estudada como objeto de redescoberta da identidade nacional, se contrapondo a propostas musicais estrangeiras. Foi assim, criado o movimento denominado Música Popular Brasileira (MPB) com o intuito de resgatar e valorizar os ritmos, sons e linguagem brasileira. Queira ou não esse movimento realmente alcançou seu objetivo, pois, tornou-se marca de identidade brasileira no mundo.

Hoje, porém, no espaço interno, há uma controvérsia de representatividade do que seja a MPB, o estilo musical consolidado nos anos 60, majoritariamente difundida no Sudeste ou a diversidade musical cultivada nos diversos cantos do país? Pensando nessa identidade musical, a música brasileira pode se igualar ao conceito de identidade de Giddens, multifacetada, pois ela cria e recria estilo, que se subdivide em tribos. Para Matos e Belém (2019, p.4)

As tribos seriam um meio pelo qual os sujeitos poderiam "combater" a impessoalidade e anonimato dessas sociedades, permitindo aos seus membros a criação de um sentimento de pertença, de vínculos de sociabilidade e laços pessoais, assim como códigos de comunicação e comportamentos particulares.

Deste modo, a música brasileira vai se adequando ao surgimento de cada geração negando, reafirmando, outras vezes mediando o que já existe.

1.2 FUNK E SUA REPRESENTATIVIDADE NA MUSICA BRASILEIRA

O funk nasceu no final dos anos 50, nos Estados Unidos, a partir do *Suol*, do *jazz* e do *blues*, ritmos são originários de comunidades negras. No Brasil, ele desembarca no final dos anos 70, ainda reproduzindo o estilo americano nos chamados Bailes da Pesada realizados nas periferias. Foi no final dos anos 80 que o funk se abrasileirou através de Fernando Luís Mattos da Motta (DJ Marlboro), que introduziu a batida e melodia a moda brasileira. Foi dele o primeiro disco intitulado Funk Brasil.

[1] UFPB, gracabzrra@gmail.com
[2] UFPB, profrauldantas27@gmail.com
[3] UFPB, silvio@ccae.ufpb.br

Por ter nascido e se criado nas periferias viu seu status se transformar na virada do século com a ascensão da internet, saindo das periferias, do morro e invadindo o asfalto. Essa invasão, acabou por incomodar a elite detentora do poder e da mídia, que passou a discriminar e marginalizar o estilo musical e seus representantes. Para a pesquisadora Lima, (2023, P. 14) "[...] o funk é central nos processos de construção identitária relacionados à etnicidade e aos lugares de moradia, contribuindo para valorizar sentimentos de pertencimentos, que geralmente são fonte de estigmatização." A história do funk se confunde com a própria história dos moradores das comunidades, marcadas por um ranço de discriminação e preconceito principalmente entre a população jovem.

Essa característica é bem demarcada na música em análise como podemos perceber nas sentenças nos excertos "Onde nós passa o perfume exala"/"Vagabundo inveja meu pescoço, várias grama' de ouro"/"Meu arsenal de camisa de time"/"eu 'to com um pingentão de prata"

Para os produtores desse conteúdo, essa não se resume a uma forma de exibição, ostentação, mas de motivação para outros jovens.

2. A MÚSICA *A FAVELA VENCEU* E A GRAMATICA FUNCIONAL

A língua é um sistema em que as unidades de um nível, combinados entre si, compõe um nível superior, da combinação dos fonemas, passa-se a signo ou às palavras que combinadas a outras palavras, formarão a frase. Benveniste (2005) adverte que, quando passamos à frase é preciso ver como se articulam as unidades segundo os seus níveis. Segundo o autor, o discurso é sempre atualizado a cada vez que a língua é usada e tem como seu o limite superior de análise a frase ou oração, aqui entendida como uma sentença de sentido completo porque contém um verbo e os argumentos a ele relacionados e não pode ser fragmentada, sob pena de perder-se seu sentido e seu propósito comunicativo.

A frase ou oração é entendida como um enunciado, parte da enunciação, o que lhe empresta o caráter de produto de um discurso, aqui visto como uma manifestação de pensamentos, crenças e ideologias no momento de sua realização, pautada pelas relações que se estabelece com seus interlocutores. Flores e Teixeira (2005) esclarecem que as palavras são palavras no enunciado; retiradas do enunciado, são signos; segundo os autores, signo integrado à frase é palavra, palavra é, pois, forma e sentido; isto significa dizer que o sentido da frase é dado pela ideia que ela exprime e o da palavra é dado pelo seu uso e, também da maneira como esses signos são organizados na própria estrutura da língua.

Essa organização recebe nomenclaturas distintas quando vistas pelas gramáticas normativa (GN) e descritiva (GD), sendo esta muito mais flexível do que aquela, já que sua intenção é demonstrar como os elementos estão postos, sem questionar sua "correção ou incorreção", mas o que fazem, ao passo que, aquela, a normativa, prescreve. Uma frase simples como "A favela venceu" que dá título à canção, já nos dá uma ideia das complicações advindas da escolha de como "olhar a língua":

Quanto ao aspecto morfológico, dos signos linguísticos, de suas funções sintáticas (dadas no nível exclusivo da frase), dados pela GN, e o que se pode analisar pelas relações estabelecidas entre/pelos elementos, dados pela GD.

Quadro 1 – Exemplos de termos da Gramática Normativa e Descritiva

Termo

Gramática Normativa

Gramática Descritiva

Morfologia

Sintaxe

[1] UFPB, gracabzrra@gmail.com
[2] UFPB, profrauldantas27@gmail.com
[3] UFPB, silvio@ccae.ufpb.br

A

artigo

Adjunto adnominal

"A favela" é o termo personificado que exerce função de agente (pratica a ação expressa pelo verbo) e está em relação de concordância com o verbo.

favela

substantivo

Sujeito Simples

venceu

verbo

Verbo Intransitivo

núcleo do predicado em concordância com o termo expresso como o sujeito agente.

Fonte: elaborado pelos autores

Uma simples análise da maneira como ambas enxergam a sentença, nos permite perceber o engessamento que temos na GN, posto que isola os elementos para identificá-los e apresenta uma nomenclatura específica para cada um deles. Nada obsta, evidentemente, que isso seja feito, até porque, os mesmos termos podem expressar funções sintáticas distintas, a depender da sentença em que aparecem. A GD entende e não nega a perspectiva da GN, mas a ressignifica. Para Perini, por exemplo:

A classe dos nominais tem alguns traços gramaticais importantes em comum: por exemplo só nominais podem fazer o plural em -s, e só nominais podem variar em gênero. Esses traços, entretanto, não valem para todos os nominais: o nominal baita, como em um baita problema, não varia em gênero. Encontramos aqui, como de costume, a complexidade que os estudos gramaticais ainda não enfrentaram devidamente (PERINI, 2006, p.168).

Entendemos, portanto, que a GD busca entender a relação existente analisando-a como um todo, que se relaciona e mutuamente se influencia. A GD toma para si emprestado da GN algumas definições consagradas no conhecimento da maioria dos usuários da língua, como aqui vemos com a palavra *sujeito.*, um conceito basilar da análise sintática feita pela GN.

A GD possui um leque harmônico de análise e despe-se de quaisquer preconceitos ou valoração para vestir-se de uma compreensão dos usos, do modo como a língua se comporta. Desta expressão material da comunicação entre os usuários da língua, expressa-se mais do que o que se materializa. A descrição dessas ocorrências é o primeiro passo para compreendermos o discurso, a língua em uso revestida de aspectos culturais, sociais e ideológicos. Vejamos como esse primeiro passo se dá em:

1. *Conseguimo e 'to vivendo da minha correria, quem diria?*

2. *'tamo preparado e hoje 'cê não passa mal*

Na construção acima, sob a ótica da GN, apresentam erros de concordâncias, como no Predicado Nominal '*tamo preparado*, em que o sujeito oculto, recuperável pelo verbo na 1ª pessoa do plural do modo indicativo, se encontra em discordância gramatical do Predicativo do sujeito preparado, que deveria expressar esse plural expresso pelo verbo de ligação estar, conjugado em 1º pessoa do plural, além de marcas de oralidade.

Porém, sob a ótica da gramática descritiva, trata-se de um fenômeno explicável pela influência do sistema fonético do aparelho fonador do falante e esse registro possui uma lógica de concordância e sequencial. A omissão de da primeira sílaba e da marca de plural de "estamos", expresso como '*tamo*, é explicada pelo caráter econômico que tem a fala. Trazida para a escrita, essa economia é explicada pela clareza com que o usuário compreende essa marca de plural (

[1] UFPB, gracabzrra@gmail.com
[2] UFPB, profrauldantas27@gmail.com
[3] UFPB, silvio@ccae.ufpb.br

'*tamo* (estamos) em oposição à '*tô* (estou), por exemplo.

Ainda sob a égide da perspectiva acima, excertos como *nós começou, as ligação não para, Nós chegou e Nós é mídia*, observa-se a falta de concordância verbo-nominal. Segundo MARTELLOTA (2011, p. 55-56) manifestações como essas demonstram "haver uma relação estreita entre a estrutura das línguas e o uso que os falantes fazem delas nos contextos reais de comunicação". É preciso levar em conta que o falante está em um determinado contexto sócio comunicativo e que isso é legítimo do uso. Essa compreensão demarca que a língua não é tão somente um sistema de normas, como sinaliza Cunha e Tavares (2007, p. 14) a língua é:

[...] atividade social enraizada no uso comunicativo diário e por ele configurada [...] é determinada pelas situações de comunicação real em que falantes reais interagem e, portanto, seu estudo não pode se resumir à análise de sua forma, já que essa forma está relacionada a um significado e a serviço do propósito pelo qual é utilizada, o que depende de cada contexto específico de interação [...] está sempre entrelaçada às atividades interacionais em que as pessoas estão engajadas.

Assim, entendendo a materialidade linguística como manifestação legítima do uso da língua e da capacidade do homem se comunicar e interagir no âmbito socioculturalmente, deve-se então considerar o valor interacionista que refuta o preciosismo normativo gramatical. Dessa maneira, adentramos na seara do contexto, da cena enunciativa, como defende Benveniste, e a sentença se torna um enunciado que carrega aspectos socioculturais marcados na materialidade, a isso, denominamos o discurso que nas palavras de Orlandi (2015, p. 13) "discurso é a palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando".

O usuário da língua, o enunciador, assume-se de todo um contexto que empresta sentido ao dito, contexto aqui entendido como o faz Marcuschi (2008, p. 82), para quem "O contexto é algo mais do que um simples entorno e não se pode separar de forma rigorosa o texto do contexto".

Autores mais voltados para a Análise Crítica do Discurso (ACD), também buscam explicar esse contexto e sua influência no discurso e, por conseguinte, na expressão material do que se pretende comunicar. Para Dijk (2012, p. 07), por exemplo, "o contexto é concebido das variações sociais, no qual se deve observar o gênero, a classe, o grupo étnico, idade e identidade cultural como condições para a produção do texto e da fala" (Tradução nossa). O estudioso reforça, ainda, que **"**Os contextos não são algum tipo de condição objetiva ou causa direta, mas são construções (inter)subjetivas projetadas e continuamente atualizadas na interação dos participantes como membros de grupos e comunidades**"** (Idem, p.10)

No mesmo caminho, temos autores consagrados da ACD, como Norman Fairclough, seu maior expoente, que defendem a expressão comunicativa como "Os eventos discursivos específicos variam em sua determinação estrutural segundo o domínio social particular ou o quadro institucional em que são gerados" (FAIRCLOUGH,2008, p. 91) e são capazes de promover mudança social porque "o discurso é um gerador de mudanças sociais, essas mudanças acontecem nas formas de transgressões e cruzamentos de fronteiras, a partir de novas combinações e sua exploração em situações que geralmente as proíbem" (FAIRCLOUGH, 2008, p. 127).

Pelos motivos acima expressos, entendemos importante verificar o impacto que que a canção *A favela venceu* (e outros funks também) causa em adolescentes, público que também consome esse tipo de expressão sociocultural. Nosso trabalho foi feito com alunos das escolas: (1) E.M.E.F. Deputado Egídio Madruga – Santa Rita – PB e (2) Escola Estadual Governador Eraldo Gueiros Leite – Paulista – PE.

A seguir, seguimos para o trabalho específico que fizemos com nossos alunos, explicitando o tipo de pesquisa, a metodologia e a análise dos dados.

3. ANÁLISE DOS DADOS

[1] UFPB, gracabzrra@gmail.com
[2] UFPB, profrauldantas27@gmail.com
[3] UFPB, silvio@ccae.ufpb.br

Conforme supracitado, nossa pesquisa também é de abordagem quantitativa, Para Gil (2006, p. 175) as pesquisas quantitativas "[...] são dignas de créditos, defensáveis, garantidas e capazes de suportar explicações alternativas" assim, preparamos um questionário e aplicamos em duas turmas de 9º Ano em 2024; uma na Paraíba e outra em Pernambuco, com o objetivo de obter informações sobre a opinião dos estudantes sobre o Funk A Favela Venceu, bem como conhecer um pouco acerca do perfil dos entrevistados. O questionário encontra-se no Apêndice.

Consideramos para a geração de dados e análise quantitativa e qualitativa as respostas de todos os 62 participantes que responderam a todas as oito perguntas, são elas:

01 – Qual a sua idade?

02 – Em que ano escolar você está?

03 – Em qual tipo de localidade você mora?

( ) Bairro regulamentado

( ) Bairro – Favela ( ) Área Rural

04 – Qual o estilo musical que você curte?

( ) MPB ( ) Forró ( ) Samba ( ) Funk ( ) Axé ( ) Outros (qual(is):

05 – Você já ouviu a música "A favela venceu"?

( ) Sim ( ) Não

06 – O que achou da música? Comente.

07 – Sobre a mensagem da música, você concorda que A favela venceu?

( ) Sim, Por quê?

( ) Não, Por quê?

08 – Você acredita que esse tipo de música influencia para a autoestima dos moradores de comunidades (ou periferia)?

Os resultados indicaram a média de idade dos alunos de 14 anos e que 45 % moram em bairro regulamentado e em casa e 37% em favela. E os demais, 18% moram em área rural.
Têm, na maioria, como estilo preferido, o Funk com 39 % e em segundo lugar ficou o ritmo Forró com 23%, seguidos de MPB com 6%; o Samba com 7%; o Axé com 4%; outros ritmos também foram mencionados como o Gospel e o Rap com 21%.

Sobre o funk em análise, a primeira pergunta direta que fizemos foi: você já ouviu a música "A favela venceu"? E obtemos o seguinte resultado: 27% disseram que sim e 73% disseram que não.

Analisando as questões 05 observamos que a grande maioria nunca ouviu a música, por outro lado, quanto à questão 06, a maioria, após a leitura do texto do funk, 45% achou a música boa, 6% interessante, 3% normal, 17% não gostou e 29% outras respostas, das quais podemos destacar:

I - Letra muito sem sentido / Não gosto de palavrões / Bem criativa / Mostra a realidade

II – A música tem uma letra muito inspiradora

III – Não achei tão boa quanto a que eu estou acostumada a escutar.

VI – Boa, porém muito agressiva verbalmente.

V – Achei bacana, passa uma mensagem de superação.

Quanto à questão 07, percebeu-se que a grande maioria, 72%, concorda com a afirmativa que a favela venceu, e 24% acredita que não e 4% não respondeu.

[1] UFPB, gracabzrra@gmail.com
[2] UFPB, profrauldantas27@gmail.com
[3] UFPB, silvio@ccae.ufpb.br

Dentre as respostas de quem acredita que a favela venceu, destacamos os comentários:

I – Sim, porque muitas pessoas que moram, moravam em favelas, hoje em dia, são bem sucedidas.

II – Sim, pois as favelas são vistas como lugares descriminados e a favela venceu.

III – Sim, por que, hoje em dia, existem pessoas famosas.

IV – Sim, porque traz uma mensagem de conquista.

Quanto às respostas negativas, destacamos:

I – Não, porque a favela continua do mesmo jeito.

II – Não, porque a favela não venceu, vence quem saiu dela.

III – Não, pois a violência ainda continua, o desrespeito e o tráfico.

IV – Não, pois ainda existe muito roubo e mortes.

A questão 8 investiga se esse tipo de música pode influenciar a autoestima de moradores de favelas (ou comunidades, ou até mesmo a periferia). Recebemos 79% de pessoas que acreditam, das quais destacamos os seguintes comentários:

I – Sim, pois motiva eles a irem pro caminho certo e ter uma vida digna, de sucesso.

II – Sim, porque eles têm motivação para seguir a vida deles e viver em paz na comunidade.

III – Sim, porque com a letra da música faz a comunidade acredita em uma vida melhor.

Para os demais 21%, que acreditam que não, merecem destaque os seguintes comentários:

I – Má influência, música desvalorizada só fala palavrões, música sem futuro

II – Não, pois para mim, este tipo de música só faz desmerecer o país.

III – Não, ela não ajuda em nada.

CONCLUSÃO

Neste trabalho, a letra do funk A favela venceu nos serviu de mote para investigar, em adolescentes de escolas de periferia, como seriam impactados pela canção, seja positiva, seja negativamente. Escolhemos uma canção que representa um tipo de vida, um uso linguístico informal. Nos valemos da GN e da GD para apresentar a materialidade linguística e, a partir daí, nos valemos dos sentidos emanentes para aplicar um questionário que pudesse revelar como esses alunos enxergavam a mensagem central da música de que, mesmo em comunidades pobres, favelas, a perspectiva de uma vida melhor pode, sim se tornar realidade.

Nos valemos, inicialmente, das GN e GD para demonstrar como a materialidade linguística poderia ser o primeiro passo para se entender o uso linguístico, seja enquadrando-se no que se chama de norma e de regras que são dadas pela GN, que aponta para o certo e o errado, seja para perceber que, na GD, as marcas de “desrespeito” à norma são formas de se manifestar não o certo e o errado, mas, sim o que se pode compreender a partir dos usos que são feitos pelos usuários da língua.

A coleta de dados via questionário foi importante para a obtermos uma visão panorâmica de como essas canções são representativas de crenças e valores desses alunos de periferia e revelou que informações sobre o perfil musical dos estudantes e opiniões acerca da temática que permeia este estudo permitiu conhecermos a opinião dos entrevistados acerca da relação de seu perfil etário, condições socioeconômicas com o gosto de estilos musicais e principalmente com o funk em análise. Como 72% das pessoas pesquisadas acreditam que “a favela venceu”, essa investigação demonstra o quanto se tem, atualmente, uma visão de que a periferia tem, sim, o poder de encontrar uma vida melhor e 79[S7] % acreditam que essas canções podem influenciar

[1] UFPB, gracabzrra@gmail.com
[2] UFPB, profrauldantas27@gmail.com
[3] UFPB, silvio@ccae.ufpb.br

positivamente, podemos defender a canção em tela, e por extensão, o funk que representa as comunidades, como um meio de motivar os moradores a buscarem o sucesso.

Ainda que seja uma minoria que entende que a canção não influencia a autoestima dos moradores de comunidades, chamou a atenção, também, a reprimenda ao uso de “palavrões” e a crença de que esse uso é uma forma de desvalorizar a própria canção, o que, entendemos pode ser entendido como um preconceito à forma de autorepresentação que traz para o universo musical o falar cotidiano.

Por fim, a investigação nos permitiu, num primeiro momento, entender a língua como estrutura variável, a serviço da comunicação e não ao simples obedecer de regras. A seguir, os usos permitiram entender como é relevante a representação escrita de falas cotidianas, de usos da palavra a serviço de uma comunicação mais acessível e mais representativa da realidade das comunidades pode ser e, a seguir, a representação material do funk A favela venceu.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. O feichismo na música e a regressão da audição. Tradução de Luiz João Baraúna e João Marcos Coelho. In: CIVITA, Victor (Org.). Textos escolhidos: Benjamin, Adorno, Horkheimer, Habermas. São Paulo: Abril Cultural, p. 165-191, 1980.

BENVENISTE, E. Problemas de Lingüística Geral - volume I. Campinas: Pontes, 2005.

_____ Problemas de Lingüística Geral - volume II. Campinas: Pontes, 1989.

CHOULIARAKI, L. & N. FAIRCLOUGH. 1999. Discourse in late modernity. Rethinking critical discourse analysis. Edinburgh: Edinburgh University Press.

DIJK, Teun A. Van. El discurso como interaccion em la sociedade, trad. ALVAREZ, José Angel, Ed. Gedisa, Barcelona, 2000. Disponível em:

https://libroschorcha.files.wordpress.com/2017/12/el-discurso-como-interaccic3b3n-social-teun-van-dijk.pdf – Acesso em: 23/02/2024

FAIRCLOUGH, N. Discurso e Mudança Social. (Coordenação da trad.) Izabel Magalhães. Brasília: UNB, 2001.

FOUCAULT, Michel, A ordem do discurso, trad. SAMPAIO, Laura Fraga de Almeida, ed. 5ª, Ed. Loyola, São Paulo, 1999.

_____, Michel, Vigiar e punir, ed. 2ª, Ed. Vozes, Rio de janeiro, 1987.

GIDDENS, Anthony. Sociologia, trad. Alexandra Figueiredo et al, ed. 6º, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2008. Disponível em: https://edisciplina.usp.br. Acesso em 04/24.

MARCUSCHI, Luiz Antônio, Produção textual, análise de gênero e compreensão, Ed. Parábola, 2008. São Paulo.

MARTELOTTA, M. E. Mudança linguística: uma abordagem baseada no uso. Paulo: Cortez, 2011.

MATOS, R. K. S. & BELEM, R. C. Música: formando tribos, constituindo identidades sociais: Pesquisas e Práticas Psicossociais 14(1), São João Del-Rei, janeiro-março de 2019. P. 1-14. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.br. Acesso em 04/24.

NEGRÃO, Esmeralda Vailati e SCHER, Ana Paula e VIOTTI, Evani. A competência linguística. In: FIORIN, Introdução à linguística. Tradução. São Paulo: Contexto, 2002. Disponível em: https://biblio.fflch.usp.br/Negrao_EV_26_1246496_ACompetenciaLinguistica.pdf. Acesso em: 04 nov. 2023.

ORLANDI, Eni P., Análise do discurso: Princípios e Procedimentos, ed. 12ª, Ed. Pontes, 2015, são Paulo.

PERINI, Mário A. Gramática Descritiva do português. 04ª ed. São Paulo: Ática, 2002.

[1] UFPB, gracabzrra@gmail.com
[2] UFPB, profrauldantas27@gmail.com
[3] UFPB, silvio@ccae.ufpb.br

_____. Princípios de linguística descritiva: introdução ao pensamento gramatical. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

Texto de referência para análise

Favela Venceu (Canção de MC Cabelinho)

É foda, 'tá ligado?

Quando nós começou' ninguém ligava pra nós

Ninguém dava moral pra nós (raridade)

Mas isso só alimentou minha coragem, minha vontade de vencer

E olha aonde nós chegou, ahn? (Juninho)

Fé

Olha aí a favela no auge

Te falei que esse sufoco um dia acabaria

[....]

Nós driblou toda essa falta de oportunidade

Conseguimo e 'to vivendo da minha correria, quem diria?

Onde nós passa o perfume exala

O empresário me avisou que as ligação não para

Antigamente aquela mina não olhava na cara

Mas hoje em dia eu 'to comendo ela só de raiva, essa safada

Vagabundo inveja meu pescoço, várias grama' de ouro

Meu arsenal de camisa de time

[...]

Não esqueço de quem me ajudou

Nós 'tá vivendo tudo que sonhou

[...]

'Tava descendo a ladeira bolando uma bomba que mude essa porra toda ao meu redor

Fazendo minha mãe de motivo de superação

Quando eu me deparar com o dia difícil

Que é tão difficult pra previsão ficar melhor

Mas nunca foi facinho, pode se acostumar que eu 'to de pé como vários não desejava'

Jogo só acaba quando juiz apitar

Advogado tem de monte, promotor tem um milhão

Mas só tem um que realmente pode alguém julgar, ma' né?

[...]

Vou gritar, vai

Que a favela venceu (que a favela venceu)

[1] UFPB, gracabzrra@gmail.com
[2] UFPB, profrauldantas27@gmail.com
[3] UFPB, silvio@ccae.ufpb.br

Pode pá, pode pá

Pode pá, Cabelinho

Quem duvidou se fudeu

Vou gritar, vou gritar

Que a favela venceu, e a favela venceu

Pode pá, vai

Quem duvidou se fudeu (Ainda)

Fonte: LyricFind / Compositores: Victor Hugo Oliveira Do Nascimento

Letra de Favela Venceu © Deck Produções Artísticas Ltda.

PALAVRAS-CHAVE: Gramática funcional, Análise Crítica do Discurso, Funk

[1] UFPB, gracabzrra@gmail.com
[2] UFPB, profrauldantas27@gmail.com
[3] UFPB, silvio@ccae.ufpb.br